

Liderando na crise, reimaginando o futuro

Webinar realizado por ocasião da celebração do Dia Mundial do Professor promovido pela UNESCO,

Sebastião Feyo de Azevedo, em 6 de outubro de 2020

Preâmbulo

A Universidade Portucalense associa-se à celebração do Dia Mundial do Professor que a UNESCO comemora anualmente desde 1994 no dia 5 de outubro, dia da assinatura, em 1966, da Recomendação da OIT/UNESCO sobre o Estatuto dos Professores. Sendo o 5 de outubro um importante feriado nacional, entendeu-se transferir para o dia seguinte, 6 de outubro, este evento interno comemorativo dessa importante efeméride.

O alcance desta celebração da UNESCO é muito alargado. Destina-se a homenagear os professores de todos os níveis de formação e abarca todo um conjunto de temas associados à atividade dos professores, desde questões de natureza mais laboral-sindical, ao vastíssimo leque de temas de natureza académica, associados à substância desta (apaixonante) profissão, vital para o desenvolvimento da Humanidade.

Distribuo com este texto um documento preparado pela UNESCO para as comemorações deste ano, intitulado “Teachers: Leading in crisis, reimagining the future”, ao qual os leitores poderão também aceder em <https://en.unesco.org/commemorations/worldteachersday>.

Abaixo aludirei a umas passagens do mesmo, que considero muito interessantes para nossa reflexão, mas desde já chamo a atenção para o programa da semana de 5-12 de outubro, com sessões a que poderemos assistir, tão complementares e relevantes como a que apresenta iniciativas de professores face ao fecho das escolas durante a crise pandémica do COVID-19 (no dia 5 de outubro) ou a que discute ensino e aprendizagem, usando plataformas tecnológicas (no dia 12).

Na minha intervenção vou centrar-me num tema da substância académica do ensino superior: dentro de toda a diversidade de potenciais temas, escolhi refletir sobre o papel essencial dos professores no moldar do futuro, de uma visão de futuro que falta, do que já começa a ser e vai ser cada vez mais a *Educação Superior sem Fronteiras e sem Paredes*.

Finalmente, nestas notas introdutórias, o Webinar terá a duração habitual de 60 minutos e decorrerá em duas partes, sensivelmente da mesma dimensão temporal: na primeira, exporei algumas ideias sobre o futuro da educação superior; na segunda, convido os colegas a debaterem e levantarem temas do vosso interesse.

Tributo ao esforço reativo dos professores face à adversidade

Antes de falar do *amanhã*, merece ser bem acentuado e lembrado o que foi feito *ontem*, por todo o Mundo e na generalidade das instituições de todos os níveis de educação. E escrevo esta nota convictamente, mesmo com o desconforto de, de alguma forma, estar a falar em causa própria.

A este respeito transcrevo três passagens do supra mencionado texto da UNESCO:

“...Around the world, teachers are working individually and collectively to find solutions and create new learning environments for their students to ensure that learning can be continued.

In most cases without much warning and with little time to prepare, teachers have had to modify or condense the curriculum and adapt lesson plans to carry on with instruction, whether via the internet, mobile phone, television, or radio broadcast. In many low-income countries, with poor or no connectivity to the internet or mobile networks, teachers have prepared take-home packages for their students.

The move to online learning has required capacity for innovation and creativity never before attempted in order to keep children engaged and learning. Some teachers are posting their lessons online for the benefit of all; others check-in with their students through WhatsApp, while others visit homes to pick up work and bring back revisions and feedback. Teachers have formed communities of practice and support groups through social media platforms such as Facebook and Twitter. Without much guidance or pedagogical support from education authorities, the frontline workers of the education sector are showing great capacity and flexibility to adapt to an ever-evolving situation in order to keep children and youth learning....”.

Foi assim, e em vários casos está ainda a ser, em Portugal, como no resto do Mundo.

Lembro, a este respeito, o episódio, para mim muito simbólico, que passou nos vários canais televisivos, daquela professora que diariamente ia na sua carrinha para o alto de um monte, parece que para ter melhor sinal, e daí, sentada na bagageira, dava as suas aulas.

Passada esta fase reativa, ditada em larga medida pelo sentido de responsabilidade no cumprimento da missão que caracteriza a maioria esmagadora dos professores, temos naturalmente que tomar medidas que maximizem a nossa qualidade de trabalho neste ambiente que de forma subitamente acelerada se criou à nossa volta. Sobre este comentário último, importa desde já enfatizar: a realidade da *Educação sem Fronteiras e sem Paredes* já desenhava bem antes da pandemia e vinha sendo abraçada por muitas instituições de vanguarda no Mundo; a pandemia tornou clara a importância de adotarmos novos métodos, fazendo uso das novas tecnologias; tornou a evolução urgente para todos.

E os professores merecem crédito, pela forma como reagiram e pela forma como estão a trabalhar para este futuro.

Uma nota sobre o futuro da educação superior

Visão reformista

É uma visão reformista que lhes transmito e sempre que o faço penso em dois nomes, Adérito Sedas Nunes e João Pedro Miller Guerra, em particular no texto que assinaram, publicado em 1969 na revista *Análise Social*, no tempo da chamada Primavera Marcelista (que nada ou pouco deu, exceto mostrar que o regime não se auto-reformava), subordinado ao tema “A Crise da Universidade em Portugal: Reflexões e Sugestões”¹, em que o termo ‘reforma’ surge 42 vezes e em que transmitem esta extraordinária ideia (a páginas 19) que partilho:

“Julgamos, pois, que a História e a experiência contemporânea são suficientemente demonstrativas de que as instituições universitárias tradicionais, designadamente as do tipo napoleónico-latino, não se auto-reformam, limitando-se a pedir ou consentir alterações circunscritas, que não afectam o seu carácter essencial.”

Passaram 51 anos, menos que os mais de 120 anos dos textos de Eça, mas que, tanto como os escritos de Eça, vale a pena ler ou reler na medida da sua atualidade... infelizmente, acrescento.

Nesta introdução sobre a necessária ‘reforma’ do modelo de educação superior, deixo ainda esta nota, sem detalhar as razões da mesma: as instituições universitárias não serão capazes de se auto-reformar, como Miller Guerra e Sedas Nunes o disseram, mas na sua dinâmica e dimensão contemporâneas é para mim claro que as reformas educativas não se fazem sem os seus professores e muito menos contra os professores. Tem de se resolver esta aparente contradição, tem de se desatar o nó, mas esse não é o tema de hoje.

Pois então:

Forças motrizes da evolução pedagógica

Vivemos um momento único de toda uma Geração, com o intensificar de uma revolução pedagógica que, estando a aprofundar-se de forma irreversível ao longo dos últimos 20 anos, tem contornos que começaram a desenhar-se nos idos anos 50 do Séc. XX.

Não menorizando o relevo dos contributos teóricos desenvolvidos em todos estes anos, sobre processos de aprendizagem e correspondentes práticas pedagógicas, o modelo que tem vindo a consolidar-se, no quotidiano do presente século, tem na sua base três forças motrizes

¹ J.P. Miller Guerra, A. Sedas Nunes (1969), «A crise da Universidade em Portugal: reflexões e sugestões», in «*Análise Social*», Volume VII, n.º 25-26, p. 5-49, Disponível, em 1 de outubro de 2020, em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253532Q2dSR4az8Mg76OQ8.pdf>

centrais: por um lado, a visão teórica seminal de Alan Turing, divulgada em 1950², sobre computação, algoritmia e inteligência artificial; por outro, a evolução do digital, cuja gênese se identifica com a mesma década; e, no plano mais pedagógico, as propostas do Processo de Bolonha, desde 1999, que visam a criação de um Espaço Europeu de Ensino Superior e promovem, num quadro próximo do construtivismo, um modelo de formação centrada nos estudantes, com foco na (auto)aprendizagem, com uma importantíssima reformulação dos objetivos educativos e de desenho dos *curricula* sob a forma de *produtos de aprendizagem* e com o objetivo de reconhecimento europeu desses *produtos de aprendizagem*, visando esta última vertente o principal objetivo político da mobilidade estudantil.

Em favor da Ciência

É interessante abrir aqui um parentesis e por um minuto refletir sobre a absoluta relevância da ciência no desenvolvimento humano. Esta convergência da teoria com a tecnologia, que hoje está a revolucionar toda a atividade humana, e cuja gênese situei nos anos 50 (quiçã iniciada nos anos 40), só se começou a afirmar tenuamente por volta dos anos 80, com o início da massificação dos equipamentos de cálculo³, especificamente dos computadores, isto é com o início da *era do digital* no quotidiano. E só no presente século XXI, mais concretamente nos últimos 10 anos, se tem vindo a fazer sentir da forma avassaladora que caracteriza as revoluções. Isto é, estamos a falar em 60 a 70 anos desde as primeiras propostas teóricas e de desenvolvimento tecnológico, até à revolução do digital, da inteligência artificial que invadiu o nosso quotidiano de forma profundamente sentida e permanente⁴. Fecho parentesis.

² A. M. Turing (1950), «Computing Machinery and Intelligence», in «Mind», Volume LIX, Issue 236, October, p. 433–460. Disponível (em 1 de outubro de 2020), em <https://academic.oup.com/mind/article/LIX/236/433/986238>

³ Para memória futura, recorro que: em 1973 ainda se usava, e praticamente só se usava, a régua de cálculo para trabalhos de engenharia e cálculo científico; nessa época surgiram as primeiras máquinas de calcular – as HP, as Texas Instrument, as Casio...; e também nessa época, mas principalmente na década de 80, os primeiros computadores domésticos (os microcomputadores)– o HP 9830, com uma linha de ecrã e gravação em cassetes (em 1973), o Commodore PET (em 1977), o IBM PC (em 1981), o Sinclair ZX Spectrum (em 1982), o Apple Macintosh (em 1984), etc.

⁴ Na área da Educação, a Comissão Europeia acaba de publicar um importante relatório, intitulado *Digital Education Action Plan 2021-2027 Resetting education and training for the digital age*, que propõe diretrizes e identifica áreas prioritárias para ação. A não perder, disponível em https://ec.europa.eu/education/education-in-the-eu/digital-education-action-plan_en (endereço ativo em 1 de outubro de 2020)

Evolução do modelo educativo

Falando então da evolução do modelo de educação superior, devemos distinguir, certamente que na sua complementaridade e interligação significativas, o tema do desenho dos cursos, desse outro do modelo de funcionamento dos mesmos.

Já mencionei que os cursos devem ser desenhados, tendo em mente *produtos de aprendizagem*, conceito particularmente desenvolvido no quadro da Reforma de Bolonha. Ora, o que a Sociedade hoje procura em termos desses produtos de aprendizagem e na perspetiva das competências que os estudantes devem adquirir, tem evoluído muito. O objetivo (quase) único do passado que consistia em proporcionar aos estudantes conhecimento considerado (pelos professores) fundamental, continuando a ser necessário, deixou de ser suficiente. Hoje importa também desenvolver muito a perceção da multidisciplinaridade do conhecimento e a visão da multiculturalidade transversal, num Mundo que por razão da evolução das comunicações e dos transportes tem vindo a *encolher*. Importa desenvolver as capacidades⁵ pessoais e interpessoais, como sejam o espírito crítico, a capacidade de liderança, a capacidade de trabalho em grupo, a capacidade de comunicação e, um ponto tão delicado quanto difícil, o controlo emocional, particularmente a pensar no trabalho e no convívio social num quadro de incerteza. O desenvolvimento deste tipo de competências tem que estar bem embutido no desenvolvimento curricular.

Noutra vertente, complementar, estas profundas alterações de concepções e métodos de trabalho em todas as áreas da atividade humana, projetam-se, no plano académico da educação superior, na já citada evolução sem retorno para a *Educação sem Fronteiras e sem Paredes*, a qual se materializa em vários possíveis modelos que envolvem atividades *on campus* e *online*, em momentos síncronos e assíncronos, com variantes:

- Temos a oferta de cursos puramente a distância, em áreas que não exijam atividade presencial, com um importante potencial de penetração (sem fronteiras) em mercados de grande dimensão, isto é com um grande interesse económico e político associado ao interesse académico;
- Temos a oferta dual com cursos presenciais, simultaneamente oferecidos a distância, em que haverá coortes de estudantes numa e noutra modalidade, excetuando naturalmente as atividades que pela sua natureza sejam necessariamente presenciais, modalidade esta que tem igualmente um potencial significativo de penetração em mercados, eventualmente mais locais;

⁵ Minha tradução de *soft skills*, que alguns traduzem como '*habilidades*'

- Temos cursos com modelos de aprendizagem híbrida, com uma componente presencial e uma outra a distância, síncronas, para todos os estudantes, para lá das usuais atividades assíncronas, cada vez mais apoiadas em meios digitais.

Em todos os casos, fazendo uso dos métodos e instrumentos de aprendizagem colaborativos que foram emergindo, todos estes modelos abrem-se à visão de educação global e fortalecem a capacidade de autoaprendizagem dos estudantes. Mas, pensando na (absoluta) relevância do presencial nas relações humanas e na formação humanista dos estudantes, o modelo de aprendizagem híbrida será, no presente, o que assegura todas as valências, para todos os estudantes.

Percebe-se pois que os vários modelos têm as suas características e valências próprias, daí decorrendo a avaliação da adequação da sua aplicação para cada universo e objetivo de formação. Mas, globalmente, são modelos que abrem caminho ao alargar das oportunidades de educação superior na Sociedade – em Portugal, no Mundo da Lusofonia, no Mundo em geral.

A crise pandémica e a evolução pedagógica

Noutra vertente de apreciação, é claro que a crise pandémica que se abateu sobre o Mundo, e que continuamos a viver, tem que vir à liça, como acima já comentei e aqui revisito. Renovo o meu entendimento de que não se deve relacionar esta crise com as causas da evolução pedagógica em curso, de facto uma evolução já abraçada, desde antes da pandemia, por um bom número de instituições (de vanguarda) no Mundo. A evolução é irreversível no quadro da evolução da Humanidade, como nos desenvolvimentos, que a História nos ensina, associados à primeira e à segunda revoluções industriais. Dito isto, é verdade que as práticas instauradas neste curto período, com um intenso incremento do uso desses meios digitais para formação a distância, serviram para reforçar a relevância deste rumo pedagógico e creio que ajudaram muito a ultrapassar barreiras mais conservadoras relativamente à exequibilidade e inevitabilidade desta evolução.

O caminho a percorrer

Agora, é bem claro que há um imenso caminho de adaptação a percorrer. O que fizemos, e bem, está bem aquém do que há a fazer no desenvolvimento e na prática deste modelo educativo. Temos muito a melhorar, tanto no plano institucional, como no plano pessoal.

Eis algumas ações concretas a tomar em mãos – governo, instituições e docentes – tão rapidamente quanto possível, e nesta capacidade de adaptação reside a diferença entre os níveis de desenvolvimento dos Povos:

- A adequação do edifício jurídico para enquadrar este modelo educativo, sendo que me parece que a legislação vigente não acomoda tal modelo;

- A capacitação digital e tecnológica das famílias, ação urgente em favor da necessária equidade do modelo educativo;
- A capacitação dos docentes a dois níveis: no plano da substância pedagógica e no plano tecnológico;
- A capacitação tecnológica das instituições, também a dois níveis: em primeiro lugar em meios na sala de aula, numa evolução em linha com a passagem do quadro negro para os projetores instalados em todas as salas, e que no próximo passo incluirá câmaras de filmar e quadros interativos (smartboards); depois, e mais difícil de concretizar na transformação possível da arquitetura das salas para a realidade da atividade colaborativa dos estudantes;
- A capacitação formativa das instituições, igualmente a dois níveis: providenciando apoio especializado a docentes/estudantes (ou formadores/formandos); providenciando meios de apoio multimédia, nomeadamente gravação de vídeos;
- Noutro plano, um tema que poderá ser visto como datado, na medida em que a questão deverá desaparecer com a evolução tecnológica, mas que é atualmente sério: adoção de métodos de trabalho que garantam a fidedignidade das atividades, e neste ponto penso particularmente na fidedignidade das atividades avaliativas.

Epílogo

Os professores têm um papel crucial na reforma que está a (tem de) ocorrer, na medida em que são os detentores do conhecimento.

Com a tecnologia a trazer a teoria para o quotidiano, a digitalização dos processos de trabalho é também uma realidade irreversível em toda a atividade das instituições do ensino superior.

As novas propostas pedagógicas, os conteúdos formativos e o modelo de partilha e transmissão do conhecimento terão sucesso na medida do comprometimento dos professores.

As instituições devem reconhecer este papel dos professores e proporcionar os meios que permitam o sucesso da reforma. Os governos têm necessariamente que proporcionar o quadro legal e também incentivos para que o País avance na modernização do seu sistema do ensino superior, na modernização da sua oferta de Educação Superior, tudo isto sem perder pessoas no caminho.

Estamos num momento em que se abre mais uma imensa porta de oportunidades que temos de aproveitar para mudar o País. Espero sucesso no seu aproveitamento, para bem do nosso futuro coletivo.